

BASES CONCEITUAIS, PRINCÍPIOS PEDAGÓGICOS E ORIENTAÇÕES METODOLÓGICAS

*Rosilei Ferrarini**

1.1. Bases conceituais e princípios pedagógicos:

É indiscutível na atual conjuntura, frente às mudanças aceleradas da atual sociedade da informação e do conhecimento, a necessidade premente da educação continuada, entendida como aprendizagem para toda a vida, uma vez que o conhecimento é o principal fator de produção.

Nesse contexto, a educação longe de aderir a modismos, deve estar consciente dos caminhos a seguir, dos princípios que acredita e defende, em função da tarefa nobre da formação do ser humano. Porém, constantemente repensando-os para não ficar aquém do seu tempo e, quem sabe, estar na vanguarda do mesmo. Nesse sentido, a atualização constante é desafio diário, o que deve ser compreendido e aceito por quem quer estar e se manter a frente dos tempos e sempre inovar.

Assim, uma formação continuada supõe a inovação constante, que depende do conhecimento inovador. O conhecimento é a usina fundamental da inovação, parafraseando Pedro Demo. Pensar em inovar na educação, é imprescindível que se pense no professor, como pode ser percebido nas idéias de Ana Maria Eyng:

O processo de inovação pedagógica na sociedade do conhecimento tem como principal agente inovador o professor. Esse profissional está desafiado a planejar e ser o gestor do processo formativo inovador, e ao mesmo tempo gerenciar o seu processo de aprendizagem continuada. (...) O professor necessita de base para construir seu projeto pedagógico próprio, da teoria aliada à prática poder participar, planejar e intervir, procurando sempre reconstruir o próprio conhecimento num processo de gestão colegiada. (EYNG,2003 p.52 e 59)

Muitas vezes, a prática pedagógica tende a se encerrar no senso comum, representado pelo saber cotidiano disponível, com o qual se organiza o dia-a-dia, em boa parte guiada pelo bom senso. Não que isso não tenha seu significado na construção da prática do

*Rosilei Ferrarini é pedagoga com especialização em psicopedagogia e atua com consultora em gestão social pela equipe de educação no SESI/PR.

professor, mas, como defende Paulo Freire, a criticidade da prática pedagógica ou como pretendemos a fundamentação e o alinhamento conceitual demandam profundidade e não superficialidade na compreensão e interpretação dos fatos. Segundo Freire “ não há para mim, na diferença e na “distância” entre a ingenuidade e a criticidade, entre o saber de pura experiência feito e o que resulta dos procedimentos metodicamente rigorosos, uma ruptura, mas uma superação.” (Freire,1996 p.31)

Portanto, questionar o que se sabe ou se pensa saber, questionar a própria prática como condição de desenvolver um espírito curioso, instigador, inquieto e rigorosamente criador é fundamental para começar a construir conhecimento, a inovar.

Por uma questão de coerência inovadora, segundo Demo, é preciso questionar o próprio conhecimento, enquanto crítica e autocrítica para construção de alternativas teóricas e práticas. Nesse movimento acontece a construção e reconstrução do conhecimento. Segundo Demo

O questionamento sistemático supõe sempre a elaboração acurada, construção e reconstrução de conceitos, de teoria e práticas, colaboração alternativa persistente, envolvimento concreto, e por fim, a respectiva prática. (...) Uma visão moderna e realista de pesquisa deve incluir nela sempre, tanto o movimento da teorização, quanto o da intervenção, se de fato procurar inovação. Se conhecimento é fator crucial de inovação, para inovar é necessário conhecimento inovador. Conhecimento inovador, entretanto, não se obtém pela cópia, reprodução, imitação, aula e prova, mas pela pesquisa como atitude cotidiana. Saber pensar e aprender a aprender correspondem ao compromisso de sair da mera cópia, para postar-se como capaz de construir conhecimento. E isto inclui, no mesmo processo, compreender e inovar a realidade. (DEMO, 1994, p.24 e 29)

Assim, tomando como pressuposto que o processo de inovação permanente se dá pela via do questionamento, do estudo, a base metodológica utilizada para o processo de formação continuada proposto é a da pesquisa, entendendo-a como processo de construção do conhecimento, construção do *habitus* científico. Aprender a aprender e saber pensar, segundo Pedro Demo, é essencial para intervir de modo inovador, unindo teoria e prática, para além de meros treinamentos, aulas, instruções, etc.

A própria prática será fonte de conhecimento, partindo do que os professores já dominam, fazem e vivenciam. A prática deixará de ser entendida somente como mera aplicação ou experimentação. Isto induz a unir dialeticamente teoria e prática. Nesse sentido, Demo diz que “competência moderna significa a intersecção inteligente entre teorizar práticas e praticar teorias.

Isto leva à capacidade de propor alternativas, inquirir processos e produtos, participar como sujeito crítico e criativo.” (DEMO, 2004 p.29)

Portanto, o processo de formação continuada deverá, sem dúvida, orientar-se no movimento da ação-reflexão-ação. A teoria precisa da prática, para ser real, e a prática precisa da teoria, para continuar inovadora, preconiza Demo.

Para isso, deve-se questionar o próprio conhecimento, criar situações problematizadoras que provoquem o professor a dialogar com a realidade, a avaliar criticamente a prática pedagógica. O questionamento sistemático crítico e criativo impulsiona o diálogo inteligente e cotidiano com a realidade, supondo elaboração própria e constante reelaboração, confrontando-se com as práticas. Provoca a intervenção inovadora que, segundo Demo, perfaz mudanças com conhecimento, vivenciando o vaivém da teoria para a prática e da prática para a teoria, realizando a condição de agente histórico, não de paciente, tendo a ideologia como motivação e o conhecimento como instrumento básico.

No entanto, segundo Perrenoud, saber explicitar as próprias práticas vai muito além da mera descrição ou das reflexões que habitualmente fazemos quando estamos preocupados, com resistência a algo, angustiados, querendo justificar ações ou antecipá-las. Para ele isso requer uma reflexão mais metódica, uma vontade de aprender metodicamente com a experiência e de transformar a própria prática. Perrenoud afirma “a prática reflexiva é uma fonte de aprendizagem (...), o exercício metódico de uma prática reflexiva poderia tornar-se uma alavanca essencial de autoformação e de inovação e, por conseguinte, de construção de novas competências e de novas práticas.” (Perrenoud, 2000 p. 160)

Porém, ele alerta que

(...) uma prática reflexiva banal nem sempre basta para descobrir a imposição de uma mudança de paradigma. Pode-se refletir toda a vida sobre as provas escolares, sua formulação, sua correção, seus gabaritos, sem por isso descobrir o princípio básico de uma avaliação formativa. (...) para “ultrapassar o limite”, é preciso alguma espécie de salto qualitativo que passe pela construção de novos modelos de ação pedagógica e didática, por conseguinte, por um trabalho de autoformação que apele para aportes externos. (PERRENOUD,2000 p.162 e 163).

Acredita-se assim, que, ao dispor de um acervo bibliográfico básico, questões problemas norteadoras de estudo sobre a prática, espaço e tempo adequados, os professores busquem a

atualização constante, identificando as necessidades próprias de formação e as possibilidades de complemento da formação, a autoformação.

Entende-se que a qualidade dos processos e produtos resulta da qualidade dos recursos humanos envolvidos, os quais precisam aprender a aprender e saber pensar, fazer-se autor, construir autonomia, ler sistematicamente sempre e fazer conhecimento próprio.

1.2. Orientações metodológicas

Tomando a pesquisa como método de questionamento sistemático crítico e criativo propõe-se que os professores, ao ter contato com as problematizações e os textos base de estudos, desenvolvam suas elaborações tendo compromisso com a sistematicidade. A partir das reflexões de Pedro Demo (1994, p.79-81), pode-se inferir um quadro sinóptico dos níveis crescentes de realização teórica e prática.

LEITURA/ESTUDO	ELABORAÇÃO PRÓPRIA
<p>1. Manejo alfabético:</p> <p>Sentido mais primário da leitura, onde se toma o texto e o decifra-se enquanto código, sabendo o que está escrito, mas nem sempre o que se quer dizer. Entender não implica em compreender.</p>	<p>1. Interpretação reprodutiva:</p> <p>Toma-se um texto e sintetiza-se do mesmo modo a reproduzi-lo com fidedignidade. A reprodução fidedigna contém alguma criatividade, porque supõe pelo menos alguma forma de interpretação.</p>
<p>2. Leitura para informar-se:</p> <p>Usa a escrita/texto para apropriar-se de uma das armas mais importantes de inclusão social, que é a informação, sobretudo a informação estratégica. Porém, nem toda a informação é necessariamente crítica. Também implica</p>	<p>2. Interpretação própria:</p> <p>Toma-se o texto e lhe confere formato interpretativo pessoal. Busca dizer com palavras próprias, fazendo interpretação ativa, incluindo já um tipo de leitura que discute o texto. É uma forma dinâmica de ler autores, porque no fundo os reescreve. Constitui-se</p>

<p>que a informação pode permanecer apenas no saber passivo, sem chegar ao conhecer ativo.</p>	<p>num modo pessoal de interpretação e por vezes de criatividade considerável.</p>
<p>3. Leitura como interpretação autônoma: Compreende criticamente no duplo sentido: o autor / sua intenção e a realidade circundante. Interpreta e apreende o sentido do que está escrito.</p>	<p>3. Reconstrução: Toma-se o texto enquanto construção vigente como ponto de partida e o refaz sob o signo de uma proposta própria. Trata-se de movimentar-se com autonomia no meio que já existe, ou de questionar o que já existe, e repor proposta própria.</p>
<p>4. Leitura com contra-leitura: Para fins de construção do conhecimento, ler é precisamente “contra-ler”, o que significa brigar com o autor, contestar, refazer. Esta postura relaciona-se ao questionamento sistemático crítico e criativo.</p>	<p>4. Construção: Toma-se o texto enquanto construção vigente, como simples referência e abre caminhos novos. Apresenta referencial teórico próprio, construído no debate com os outros, superando-os, revendo-os, sempre no sentido de emergir em cena como fazedor de vanguarda. Ocupa espaço produtivo próprio no contexto dos paradigmas, lançando caminhos alternativos.</p> <p>5. Criação/ Descoberta: Introdução de novos paradigmas metodológicos, teóricos ou práticos. Nega-se o existente, questiona-o radicalmente, opõe-se frontalmente à existência de paradigmas, persegue o novo como tal.</p>

Como pode ser observado na metodologia de estudos, tendo a pesquisa e a leitura para fins de construção do conhecimento, ler é contra-ler, porque adota o questionamento sistemático crítico e criativo como fundamental na leitura.

Nesse sentido, citamos Demo:

Ler deve ser:

- a) compreender a proposta do livro ou do artigo, globalmente, em sua argumentação completa;
- b) testar e contestar os conceitos fundamentais, de modo a dominar a estrutura básica do texto;
- c) reescrever o texto em palavras próprias, seja para melhor compreender, seja sobretudo para ultrapassar.

É este o sentido de contra-ler, de brigar com o autor.

Podem ser sugestões para bem ler:

- a) ler uma vez para se apreender o projeto global do texto, assinalando as idéias básicas e possíveis contra-argumentações;
- b) reler tantas vezes, quantas forem necessárias, para dominar o texto, destrinchando-o analiticamente;
- c) refazer a argumentação básica e reconstruir possíveis lacunas;
- d) elaborar posição argumentada própria, frente ao texto, destacando consensos e dissensos. (DEMO, 1994 p.81)

Para que a leitura não se esgote no trânsito teórico Demo enfatiza que “a prática deve ser incluída nesse processo, necessariamente, porque ler é também interpretar a realidade, para poder melhor intervir. Teorizar as práticas é forma crucial de ler.” (DEMO, 1994 p. 82)

Assim, segundo ele, a leitura deverá acontecer sob duas óticas:

1. Roteiro de leitura mais geral, para permitir uma visão globalizada, apreendendo os conceitos-chaves defendidos pelos autores, o referencial teórico implicado (geralmente referência a outros autores em contexto polêmico), e as idéias pessoais que são a contribuição própria do autor;
2. Leitura da realidade, ou seja, posicionamento crítico e criativo, no sentido de buscar contemporaneidade e, principalmente, vanguarda, para intervir e propor algo diferente, alternativo, novo, pela construção de idéias próprias. (DEMO, 1994 p.82)

Desse modo, a formação continuada proposta na Biblioteca do Conhecimento buscará cumprir enquanto orientação metodológica os seguintes passos: ler, questionar, desconstruir, reconstruir e, talvez, chegar a construir conhecimento.

Referências Bibliográficas:

1. DEMO, Pedro. **Pesquisa e construção do conhecimento: metodologia científica no caminho de Habermas**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

_____ **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

2. EYNG, Ana Maria; MATHEUSSI, Elisa Machado; PRYJMA, Marielda Ferreira & ENS, Romilda Teodora. **O desafio do tempo e do espaço na formação continuada de professores**. In.: EYNG, Ana Maria; ENS, Romilda Teodora; JUNQUEIRA, Sérgio Rogério (Orgs.). *O tempo e o espaço na educação: o cotidiano escolar*. Curitiba: Editora Champagnat, 2003

3. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2000.

4. PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.